

ELIZABETH BENNET: O DISCURSO DA PROTAGONISTA DE ORGULHO E PRECONCEITO

Camila Brenda Alves de Almeida¹
Soraya do Lago Albuquerque

RESUMO: Objetiva-se com esta pesquisa apresentar um estudo sobre os comportamentos e costumes impostos à mulher do século XIX, fato este que justifica o início do feminismo na sociedade inglesa da época. Além de analisar a construção autobiográfica de Jane Austen através dos discursos da protagonista de Orgulho e Preconceito. A metodologia utilizada foi bibliográfica, de cunho explicativo aliada às teorias defendidas por autores da área da linguagem e teoria literária, bem como estudiosos especialistas sobre o feminismo.

PALAVRAS-CHAVE: Orgulho e preconceito; Feminismo; Análise do discurso;

1. Introdução

O papel imposto a mulher de época envolvia o âmbito familiar de todas as formas, sendo desejado que as garotas aprendessem idiomas como francês e italiano, além de conhecimentos em música (como piano e canto) e habilidades em dança com o objetivo de entreter as visitas do futuro marido, já que a sociedade da época de Jane Austen era regada a bailes onde os futuros pretendentes eram o foco principal do evento para as moças. Havia regras de etiquetas que deviam ser seguidas à risca, tanto para homens, quanto pelas mulheres, havendo poucas oportunidades para que fossem quebradas.

“As habilidades desejadas para uma moça da época estavam relacionadas basicamente aos conhecimentos que poderiam ser empregados na esfera familiar mesmo como: línguas, conhecimentos básicos de história e geografia, música, pintura ou desenho, bordado e dança.” (ZARDINI, 2013, p.3).

As funções para as mulheres casadas não se excediam para além da casa, dos filhos e do marido. Era necessário desenvolver uma boa relação com os empregados da casa, sendo papel da mulher planejar os cardápios, dar ordens aos empregados, encarregava-se também da decoração da casa e da alfabetização dos filhos - em caso de ausência de governanta. O casamento era visto como um contrato, já que para as famílias mais privilegiadas, o mesmo era uma forma de aumentar ainda mais os bens da família e para as mais pobres, era visto como uma bóia de salvação, uma oportunidade de se ascender socialmente. Logo, “Qualquer tipo de ocupação, até mesmo exercer a função de tutora, era considerado algo degradante, até mesmo

¹ Acadêmica do curso de Letras – Centro Universitário de Várzea Grande - UNIVAG

na classe média ou gentry, como era classificada na época de Jane Austen” (ZARDINI, 2013, p. 2).

O feminismo é um movimento reconhecido em vários países, no mundo todo. Graças a este movimento, ao longo da história, muitos direitos foram conquistados pelas mulheres, diante de muita luta e protestos com uma mobilização que se iniciou no fim do século XIX, logo após a revolução francesa influenciada pelas ideias iluministas. Esta é uma luta em busca de igualdade.

O primeiro passo foi dado por Olímpia de Gournay (1748 - 1793), que questionou e defendeu os direitos femininos nos primeiros anos da revolução iluminista, sendo autora de diversas obras que explicitam o direito e a liberdade feminina, como “A Declaração do Direito da Mulher e da Cidadã”. Tornando-se cada vez maior, o feminismo impactou o meio social de várias formas, inclusive na literatura da época. Sendo assim, quais os sinais do movimento presentes nas falas da protagonista Elizabeth Bennet, a personagem da obra de Jane Austen que, assim como a moção em prol das mulheres, impactou a sociedade da época?

Orgulho e Preconceito (2008) é uma das obras que consagrou Jane Austen inserindo-a no hall das literaturas clássicas, sendo lido e apreciado por inúmeros leitores. Contudo, muitas vezes, não são considerados os aspectos densos e ricos que a obra possui, principalmente quando nos é apresentada em sala de aula no ensino médio, fato este preocupante uma vez que a obra pode ficar em lugar de não reconhecimento quando a ela não é conferida a devida importância.

Diante disso, acreditamos na necessidade de apresentar uma face mais profunda do exemplar de Austen, proporcionando ao leitor uma visão mais vasta e acentuada da obra, expondo, através da análise de discurso, nuances do período sócio-histórico vivido e proporcionando ao mesmo uma imersão maior ao universo evidenciado pela autora. Acreditamos desta feita que os impactos deste movimento na sociedade da época foram sem dúvida nenhuma fortes e sustentados por outras escritoras que viriam a dialogar com Austen, como por exemplo, George Eliot, Charlotte Brontë e suas irmãs, Emily e Anny. Portanto, se vê a necessidade, em primeiro momento, de expor o feminismo e suas contribuições para a sociedade.

2. Diálogo sobre o Feminismo

Em primeiro momento, vale destacar o papel imposto a mulher de época e os primeiros passos dado pelo movimento feminista. Dentro da literatura o papel da mulher era mostrado

através dos olhos masculinos, já que não era permitido que mulheres exercessem qualquer tipo de função que não correspondesse aos cuidados da casa ou dos filhos. A mudança veio com Cristina de Pisano (1364 - 1430) que se voltou contra a visão existente a respeito das mulheres ao se recusar a aceitar a exclusão das mulheres nas universidades da França, no século XIV. “A visão do universo feminino era basicamente um olhar sob o ponto de vista masculino, já que a função de escritor era essencialmente do homem” (ZARDINI, 2013, p. 2).

Devido ao pouco espaço oferecido para a mulher e a limitação enfrentada pela mulher na sociedade, as mulheres se viam excluídas de vários âmbitos, como a política, por exemplo. Igualmente ocorria com o universo literário, que, mesmo com o advento das mulheres na literatura, continuava a ser marginalizadas e silenciadas as obras femininas.

Dentre tantas mulheres que contribuíram para o progresso da luta feminina, deve-se destacar Simone de Beauvoir (1908-1986) que trouxe diversas reflexões em relação ao papel da mulher perante a sociedade e aos homens, buscando romper com os ideais femininos existentes na época. Simone expõe como a definição de feminino e masculino é uma criação social, mas que não é capaz de elucidar a mulher ou o homem através disso, sendo a imposição dela um ferimento à individualidade do outro. Segundo Simone Beauvoir (1980),

(...) nenhum destino biológico, psíquico, econômico define define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (p. 80).

As contribuições de Beauvoir (1980) foram inúmeras em diversos âmbitos, como educacionais e políticos, buscando a igualdade de direito entre homens e mulheres, apresentando uma versão feminina que teria a possibilidade de escolher fugir dos padrões impostos ao corpo feminino, sendo sua ideia (em pleno pós-guerra) considerada polêmica. A ideia principal era apresentar uma perspectiva de escolha feminina, não definindo a identidade fêmea apenas através das atividades impostas, mas através de vivências discernidas pela mulher, como indivíduo, afinal, segundo Beauvoir (1980), “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Apesar da década de Jane Austen contar com nomes preciosos para o feminismo como Priscila Wakefield (1751 - 1832), Elizabeth Hamilton (1756 - 1816) e Jane West (1758 - 1852) que publicaram grandes artigos em prol das mulheres e seus direitos, as publicações de Austen não podem ser comparadas às autoras contemporâneas citadas. Contudo, ao lançarmos um olhar apurado aos escritos de Jane Austen, pode-se encontrar traços de uma autora que não se

conformava com os padrões exigidos da mulher da época.

“[...] as obras de Austen, podem ser classificadas como uma narrativa de identidade feminina, com utilização de ironias para criticar a sociedade de sua época, denotando um lado não conformista da escritora” (ZARDINI, 2013, p. 2).

Logo, Jane Austen desnuda uma necessidade da mulher de se libertar dos padrões impostos através do discurso linguístico da protagonista Elizabeth Bennet, fato este que a coloca em uma situação de relevância não apenas para o meio literário, mas também para o universo feminino, que ainda se colocava sobre uma penumbra de submissão, medo e ao mesmo tempo coragem e ousadia, percebidos na postura da autora, que se posiciona como uma voz inicial do que viria a ser o movimento feminista.

3. Reflexões teóricas sob o viés bakhtiniano

Vale ressaltar, de início, que a visão de Bakhtin sobre a linguagem não se limitou a analisá-la de forma isolada, ao contrário, propôs que fosse analisado todos os elementos juntos para que o texto ganhasse um sentido completo: a linguagem, juntamente com o caráter ideológico e o contexto histórico. Bakhtin (1981) enxergava a linguagem como um instrumento que intermedeia um diálogo entre os indivíduos, motivados pelo meio sócio-histórico que estão inseridos.

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abrem caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados (BAKHTIN, 1929–1992, p. 40).

Logo, para Bakhtin (1981) a linguagem é permeada por aspectos ideológicos que condicionam o diálogo. Portanto, o falante é visto como um indivíduo inserido em um contexto sócio-histórico que usa dessa linguagem como meio de se interagir com o outro.

Devido a isso, a fala despertou uma visão diferente por parte dos estudiosos do círculo, já que a linguagem passou a ser vista como uma forma de interação entre os falantes, adquirindo um cargo comunicativo e social. Sendo assim, o ser humano age sobre o outro por meio da linguagem. O diálogo é o que traz a possibilidade de haver uma linguagem, só há língua se houver uma viabilidade de diálogo.

Cabe explorarmos também a definição de signo ideológico para Bakhtin. Seguindo essa linha de raciocínio, tudo que é usado para a comunicação é signo, isso inclui gestos, roupas, palavras, entre outros. Consequentemente, qualquer uso de um signo expressa um posicionamento do indivíduo. Portanto, de acordo com a compreensão do círculo bakhtiniano, não existe signo neutro, pois todo signo expressa uma ideia/posição. Os signos ideológicos refletem a sociedade em que o locutor está inserido e o ponto de vista do mesmo - “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo [...] tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 1895 - 1975, p. 31).

Diferentemente dos linguistas estruturalistas, que viam o discurso como algo estrutural, Bakhtin (1981) enxergava o discurso como uma construção feita pela interação social entre os indivíduos, desconectando o mesmo somente da visão estruturalista de muitos teóricos como Saussure (1857). Logo, quando há um diálogo o discurso é sempre marcado pelo outro, já que o outro faz parte do meio.

Devido a isso, segundo Elizabeth Braith (2006), mesmo havendo diálogo entre dois sujeitos que utilizam a mesma língua, não será o mesmo discurso já que a linguagem - utilizada como mero instrumento de interação - se torna reflexo do indivíduo para com o mundo. Assim, a linguagem não se limita apenas ao uso da língua, mas um conjunto de elementos que compõem a visão de mundo do locutor.

“[...] Observar a linguagem não apenas no que ela tem de sistemático, abstrato, invariável, ou, por outro lado, no que de fato tem de individual e absolutamente variável e criativo, mas de observá-la em uso, na combinação dessas duas dimensões, como forma de conhecer o ser humano, suas atividades, sua condição de sujeito múltiplo, sua inserção na história, no social, no cultural pela linguagem, pelas linguagens” (BRAITH, 2006, p. 23).

Com a dispersão dos estudos realizados pelo Círculo de Bakhtin, se viu uma necessidade de adaptar a historicidade, sociedade e cultura de cada país, surgindo, com isso, diversas vertentes. Entre elas, encontra-se a ADD - Análise Dialógica do Discurso - que começou a ser difundida na década de 80, quando os benefícios de Mikhail Bakhtin já haviam sido considerados fundamentais para os estudos das ciências humanas e suas obras leituras indispensáveis para o meio acadêmico.

Os conceitos de Bakhtin referentes à análise do discurso para além da estrutura é o prisma fundamental para compreender a ADD. Braith (2006) apresenta uma abordagem que analisa não somente elementos externos, mas também elementos internos que podem influenciar no discurso do indivíduo. Consequentemente, a teoria proposta não deve ser

visualizada como algo fechada, mas sim como algo fluído, já que, segundo Brait (2006, p. 29), “A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas construtivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico.”

À vista disso, pode-se afirmar que a abordagem bakhtiniana nos apresenta uma análise que perpassa a mera linguagem pela linguagem - aqui nos referindo a forma de estudo estruturalista da linguagem - e se torna algo mais amplo, mas que ainda sim é incluído no linguístico. Deste modo, segundo Brait (2006), o trabalho metodológico e analítico sucede-se por uma exploração detalhada por entre todos os aspectos que compõem a linguística, buscando

(...) esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa ‘materialidade linguística’, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. (BRAIT, 2006, p.13).

Com o advento da Teoria/Análise do Discurso, houve a possibilidade da reinserção do sujeito, que antes havia sido distanciado pelos estruturalistas, agora se torna objeto de estudo através da linguagem e não apenas o sujeito, mas também sua correlação com o meio. Portanto, muda-se “A percepção da linguagem e da possibilidade de estudá-la levando-se em conta a historicidade, os sujeitos, o social, sem dúvida, provocaram mudanças [...]” (BRAIT, 2006, p. 22).

3.1 Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada para a realização desta é bibliográfica, de cunho explicativo. A escolha pelo método explicativo provém da proposta de indicar fatores que contribuíram para a reflexão sobre o movimento feminista, delimitando a contribuição provinda de todas as áreas do meio social, inclusive da literatura.

Para esmiuçar os campos semânticos, “descrever, analisar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) (e indicam sua heterogeneidade

constitutiva” (BRAIT, 2006, p.13), utilizamos dos pressupostos teóricos da ADD – Análise de Discurso Dialógica, cunhada por Elizabeth Brait (2006).

Para sustentar a proposta apresentada por este estudo, recorreremos aos estudos basilares de Adriana Sales Zardini sobre a postura da escrita desenvolvida por A Identidade Feminina na Obra ‘Orgulho e Preconceito’ de Jane Austen (2013). Acreditamos que a investigação feita por Zardini contempla a investigação aqui proposta, uma vez que a autora se debruça sobre o escrever e os traços da escrita de Austen e traz a público detalhes minuciosos de sua obra.

“Ao observar o livro ‘Orgulho e Preconceito’ sob a perspectiva de classificação da obra como uma visão conformista do universo feminino, nos deparamos com significantes achados de uma escritora de alma feminista.” (ZARDINI, p.1, 2013).

As pesquisas de Zardini (2013) sustentam a relevância dos estudos sobre o comportamento das personagens de Austen, uma vez que ela pontua em seu estudo não apenas o comportamento feminino da época, mas o discurso envolvente que a escritora usa na trama narrativa de suas produções, levando em consideração os costumes da época, o que nos levou a optar para os estudos de Bahktin, uma vez que este aborda o discurso como:

(...) a linguística e a Metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, multifacético, os discursos que é em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. (BAKHTIN, 1997, p.181).

O discurso é em si uma construção linguística, entretanto esta não é isolado de um corpo social, pois é somente nele que se faz vivo, que ele se faz real. Nele há, de fato, um sentido e um significado explorado e propositalmente usado pelo autor. Logo, há uma conexão entre autor e personagem. Sobre isso, cita:

A consciência da personagem, seu entendimento e seu desejo de mundo – diretriz volitivo-emocional concreta -, é abrangida de todos os lados, como em um círculo, pela consciência concludente do autor a respeito dele e do seu mundo; as afirmações do autor sobre a personagem abrangem e penetram as afirmações da personagem sobre si mesma. (BAKHTIN, 1992, p. 11).

Portanto, autor e personagem não poderiam ser vistos como elementos desassociados, mas sim como uma só unidade e uma só consciência. Sendo assim, poderíamos afirmar que a personagem nada mais é do que um espelho daquilo que o autor gostaria que fosse. Dessa forma,

segundo Bakhtin (1992, p.11), “O interesse vital (ético-cognitivo) pelo acontecimento da personagem é abarcado pelo interesse artístico do autor”.

4. A personagem e seus elementos

Os estudos que exploram as características por trás da relação autor-personagem não são recentes. Por muito tempo houve a ideia de que a personagem era apenas uma imitação do mundo interior do autor, contudo logo depois teorias passaram a incluir a visão de que a personagem é capaz de refletir também o mundo exterior.

A partir de Forster (1927) a personagem foi classificada entre dois tipos: personagens flats e personagens redondos, em que o primeiro apresenta personalidade sem profundidade psicológica, enquanto o segundo é definido como intenso, apresentando várias qualidades. Seguido por Muir (1928), que classifica a personagem não como retrato do homem, mas resultado do enredo e da estrutura do romance.

Apesar dos diversos estudos voltados para a protagonista, a relação fictício-autor só foi quebrada com o advento do formalismo russo que passou a encarar a obra como um todo, começando a enxergar o personagem como um ser de linguagem, rompendo, assim, a relação criada anteriormente. Com a chegada da visão formalista é apresentada uma nova divisão de personagens, classificada por Philippe Hamon (1972): personagens Referências, personagens Embrayers e personagens Anáforas. Já no ponto de vista de R. Bouneuf (1995) e R. Ouellet (1995), os personagens se configuram através das redes de relações que cooperam para a sua existência dentro da obra.

“Nessa obra apresenta-se uma visão semiológica de personagem não como um domínio exclusivo da literatura, mas como pertencente a qualquer sistema semiótico. Discute domínios diferentes e os diversos níveis de análise, colocando em questão de herói/anti-herói e da legibilidade de um texto como pontos que divergem de sociedade para sociedade e de época para época.” (BRAIT, 1985, p. 45).

Referente à construção das personagens, deve-se destacar, a priori, a participação do narrador na obra, pois é ele que representará o papel de olhos do leitor, sendo ele em primeira ou terceira pessoa. É ele quem determinará o ponto de vista que o leitor terá das personagens durante a narração dos fatos.

“Assim sendo, consideramos que o narrador pode apresentar-se como um elemento não envolvido na história, portanto, uma verdadeira câmera, ou -

como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos narrados. De acordo com a postura do narrador, ele funcionará como um ponto de vista capaz de caracterizar as personagens.” (BRAIT, 1985, p. 53).

A narração em terceira pessoa apresenta um registro constante dos acontecimentos que rodeiam as personagens, apresentando ao leitor um ponto de vista de fora dos eventos ocorridos durante a narração, enquanto a narração em primeira pessoa apresenta ao leitor o ponto de vista da personagem, assim como sua visão de mundo. Logo, a escolha realizada pelo escritor do estilo narrativo e da participação - direta ou indireta - da personagem da obra é o que possibilita a existência desse protagonista, que podem carregar seus desígnios e o discurso que deseja ser passado ao leitor, contudo, depois de prontas, essas criaturas “fogem ao seu domínio e permanecem no mundo das palavras à mercê dos delírios que esse discurso possibilita aos incontáveis receptores” (BRAIT, 1985, p. 67).

Assim, segundo Candido (2009) há uma estreita relação entre personagem e narração, sendo os dois pilares que sustentam a intenção, as ideias e os valores do romance, sendo a personagem a responsável por cativar o leitor e exprimir, através da vivência, as ideias e o enredo da obra. Portanto, “[...] os três elementos centrais dum desenvolvimento novelístico (o enredo e a personagem, que representam a sua matéria; as ‘ideias’, que representam o seu significado, - e que são um conjunto elaborado pela técnica)” (CANDIDO, 2009, p. 51), tais elementos são indissolúveis em romances bem elaborados.

5. Análises possíveis

5.1. Jane Austen e sua escrita

Ao observarmos a obra de Austen, nos deparamos com a exposição de características que refletem a época em que foi escrita, principalmente o papel da mulher dentro da sociedade vigente, como as regras de etiqueta que eram seguidas a rigor, a busca e a preparação para um casamento bem sucedido, sendo o matrimônio, na maioria das vezes, visto como um acordo de negócios entre famílias já que, perante a lei, as mulheres não tinham direito à herança ou porte de propriedades, sendo o controle exercido exclusivamente pelo marido, logo, raramente ocorriam casamentos providos de sentimentos.

“Sob o ponto de vista financeiro, sob o ponto de vista feminino o

casamento era visto como uma tábua de salvação para as mulheres que não possuíam renda familiar e que não queriam viver na pobreza. Eram raros os casos de casamento por amor, prevalecendo assim, o casamento por interesses essencialmente masculinos e econômicos.” (ZARDINI, p. X, 2013).

Reflexos dessa realidade podem ser encontrados em diversos fragmentos da obra, sendo presentes, em *Orgulho e Preconceito*, principalmente nos discursos da mãe de Elizabeth, a Sra. Bennet que assim como as mães da época, reforça em toda a trama a necessidade de um casamento bem sucedido para salvar as filhas do destino incerto depois da morte do Sr. Bennet. Como é possível verificar no início da obra, quando a Sra. Bennet vai comunicar ao marido a chegada de um novo rico à vizinhança: “meu caro Sr. Bennet, como você é chato! Sabe muito bem que vejo a possibilidade de ele se casar com uma delas (AUSTEN, p. 8, 2017)” ou em: “Se uma das minhas filhas ficar instalada e feliz em Netherfield [...] e todas as outras igualmente bem casadas, nada mais terei a desejar na vida (AUSTEN, p. 11, 2017)”. Segundo Zardini (2013), as personagens de Jane Austen apresentam, mesmo que em diferentes níveis, independência suficiente para desejarem um matrimônio por afeição, negando, dessa forma, se juntarem a alguém por pura comodidade ou em busca de melhor situação financeira.

Igualmente a muitas autoras de sua época, como as irmãs Brönte, Jane Austen rompeu com a ideia de personagens femininas que lutam para proteger suas virtudes, construindo protagonistas independentes que iam contra os costumes locais de casamentos visando o bem financeiro. Sendo até mesmo personagens secundárias que procuram seguir os padrões da época, como Mary Bennet, Charlote Lucas e a própria Sra. Bennet, uma forma de crítica.

Apesar de apresentar características que contemplam o movimento feminista, não se pode afirmar que Austen é feminista de acordo com a definição atual. A obra de Jane Austen denuncia, de forma secreta, os descasos de uma sociedade extremamente patriarcal, que coloca a mulher e suas necessidades em segundo plano em prol de uma vontade masculina maior. Segundo Zardini (2013), apesar da importância do casamento não ser ausente nos romances da autora, o foco dos romances é expressar a situação das mulheres na sociedade inglesa da época, onde a educação não era libertadora e as mulheres estavam restritas a suas casas e famílias.

5.2. A personagem de ‘Orgulho e Preconceito’

A escolha narrativa feita por Austen propicia ao leitor uma visão ampla de sua criação, já que a narração se dá por um narrador onisciente, que aponta não somente as sensações e emoções do personagem, mas também os costumes e tradições da época, permitindo que o legente contemple as ações da personagem no meio e as consequências delas, percepção que talvez não fosse possível caso a narração ocorresse em primeira pessoa.

Já a construção de personagens feita por Jane Austen não é complexa, sendo que os personagens são personalidades profundas, como Charlote de Lucas, Sra. Bennet e suas irmãs (Lydia, Mary e Kitty), ainda que secundários, importantes durante a trama e fonte de crítica. Já Elizabeth Bennet, a protagonista, se apresenta na obra como porta-voz de Austen, pois, segundo Brait (2006):

“[...] ao classificar a personagem como porta voz do autor, é necessário, segundo observam de forma pertinente os autores de *L'univers du Roman*, ultrapassar a reconstituição anedótica da biografia, a descoberta das fontes literárias ou históricas e a análise superficial das ideias para atingir níveis de apreensão invisíveis a essa primeira abordagem”. (p. 52).

A obra de Austen relata a história da família Bennet. Onde a mãe das cinco irmãs (Jane Elizabeth, Mary, Lydia e Kitty) busca desesperadamente casar suas filhas, já que, na ausência de um herdeiro homem, o Sr. Bennet se vê obrigado a transmitir sua herança para o parente masculino mais próximo, seu primo, Mr. Collins. A protagonista da criação de Austen, Elizabeth Bennet, se nega a casar-se por puro interesse financeiro, buscando um matrimônio por afeição.

“[...] sei o que pensa [...] Deve estar surpresa pois ainda há tão poucos dias o Sr. Collins pretendia se casar com você. Mas, quando se refletir, estou certa de que concordará comigo. Como sabe, eu não sou uma romântica. Nunca fui. Apenas desejo um lar confortável...” (AUSTEN, p. 85, 2017).

As características da “rebeldia” de Elizabeth é presente na maioria de suas ações e falas, o que exhibe ao leitor uma protagonista de personalidade forte e decidida, contrastando claramente a ideia de casamento das mulheres de seu tempo, como sua amiga Charlote e sua mãe. Enquanto a amiga e a mãe buscam um casamento que proporcionem um futuro financeiramente confortável, a jovem Bennet se recusa a casar por interesse, sendo que a mesma nega o pedido de casamento de seu primo, Mr. Collins, que mais tarde casa-se com Charlote. A diferença de pensamentos pode ser notada quando Charlote conta a amiga

sobre seu noivado com seu primo.

“- Ela não tem nada que a recomende, exceto ser uma ótima caminhante. Nunca esquecerei como ela nos apareceu esta manhã. Quase parecia uma rústica.
- Tem razão, Luisa. Eu mal podia me conter. Que disparate vir assim! Qual a necessidade de alvorar por esses campos fora, apenas porque a irmã se resfriou? E o cabelo dela, que emaranhado.
- Sim, e o saiote, reparou nele? Sujo de lama até uma altura de, pelo menos, seis polegadas. Ela tentava esconder com o vestido, mas sem grande êxito.” (AUSTEN, p. 27, 2017).

Em boa parte do romance, é possível encontrar vários momentos em que “Lizzy” vai contra as ideias de Mr. Darcy e de todos a respeito da conduta de uma mulher. O comportamento da personagem, em diversos momentos, é questionado pelos presentes, sendo considerado, muitas vezes, ultrajante para as moças da época.

A protagonista da obra também não teme em dividir sua opinião, mesmo quando a mesma desagrade as pessoas ou vai de frente com as afirmações masculinas. Elizabeth frequentemente questiona o papel da mulher na sociedade que vive, expondo suas ideias de forma irônica e divertida. A exemplo disso está a resposta dela para Mr. Darcy quando o mesmo expõe sua posição a respeito da ‘mulher ideal’: “Nesse caso, [...] exige bastante de uma mulher para considerar verdadeiramente prendada. [...] Por isso não admira que o senhor conheça apenas seis mulheres prendadas. Chego mesmo a duvidar que conheça alguma” (AUSTEN, p. 30, 2017). Ou quando se recusa a dançar com um senhor em um dos bailes que participa: “Por Deus, meu caro senhor, não tenho qualquer intenção de dançar. Peço-lhe que não pense que passei por aqui apenas em busca de um parceiro” (AUSTEN, p. 20, 2017).

Austen apresenta suas ideias através de uma personagem encantadora e bem humorada, que apesar de fazer parte da sociedade, não se contenta com as imposições feitas por ela e se contrapõe a elas de maneira educada e inteligente, deixando claro, por meio da escrita, o que ambas - autora e personagem - tem como ideal de vida para a mulher, pois, segundo Bakhtin (1981) “a personagem e o autor acabam não sendo elementos do todo artístico da obra, mas elementos de uma unidade prosaicamente concebida da vida psicológica e social”.

Algumas considerações

Minha última palavra carece de qualquer energia positiva capaz de dar-me minha razão de ser, meu acabamento; esteticamente ela é improdutiva. Com

ela volto-me para fora de mim mesmo e entrego-me ao perdão do outro (é o sentido da confissão nos últimos sacramentos). Sei perfeitamente que há no outro esse mesmo princípio insensato de não-coincidência consigo mesmo, esse mesmo inacabamento da vida; porém, para mim, esta não é sua última palavra: situo-me fora dele e a última palavra, a palavra do acabamento, me pertence (BAKHTIN, 1920-1930/1979, p. 143).

Apesar dos inúmeros questionamentos feitos durante a obra, a criação de Austen não é manifesto contra o casamento ou a família, já que a personagem Elizabeth, em nenhum momento, se rebela a instituição do conjúgio, tanto que ao final do romance a protagonista casa-se com Mr. Darcy. A narrativa tem por objetivo levar o leitor ao questionamento da ideia de família, educação, religião e outras instituições que compõem a sociedade, buscando um ponto de equilíbrio entre conservadorismo e liberalismo, não desmerecendo a entidade familiar, mas afirmando que a posição da mulher perante a sociedade deve ser levada a sério, sendo algo muito mais amplo e indo muito mais além do que ser bonita e elegante.

Este estudo apresenta diversos fatores extremamente proveitosos como a exposição da sociedade e cultura da época, a ruptura com os paradigmas impostos ao corpo feminino, a obra, quando apresentada em sala de aula no Ensino Médio, é lida de forma superficial e rasa, muitas vezes desconsiderando esses aspectos importantes que foram os responsáveis por eternizar Jane Austen no hall dos clássicos da literatura inglesa. Portanto, este artigo se propõe como possível instrumento de auxílio para uma leitura mais significativa da obra, propiciando ao leitor uma visão mais ampla e detalhada de um dos livros mais conhecidos de Jane Austen.

Referências

- AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. São Paulo: La Fonte 2017.
- BAKHTIN, Mikhaeil. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BRAIT, Beth. *A Personagem*. 2. ed. São Paulo: Atica, 1985.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin: Outros Conceitos-Chave*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- DE PAULA, Luciane. *Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso*. Belo Horizonte, Rev. Est. Ling., 2013
- RIBEIRO, Tamires Almeida. *Simone de Beauvoir e o Movimento Feminista Contribuições à Educação*. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 2014.



ZARDINI, Adriana Sales. *A Identidade Feminina na Obra 'Orgulho e Preconceito' de Jane Austen*. Uberlândia: EDUFU, 2013